

Austeridade de Palocci sai fortalecida

Economia - Brasil

Corte no Orçamento é demonstração de poder do ministro, que enfrentou a maior crise desde a posse

EDNA SIMÃO

BRASÍLIA - As afirmações desencontradas de representantes do alto escalão do governo sobre a condução da política econômica abriram espaço para especulações e boatarias no mercado nas últimas semanas. O custo do chamado "fogão-amigo", segundo o ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, poderá ser - se o governo não se mobilizar - lidar com a queda do potencial de investimento no país.

Por enquanto, o impacto se limitou a reverter o otimismo exacerbado do governo do início do ano. A cotação do dólar e o risco Brasil subiram e a Bolsa de Valores de São Paulo, apesar de os fundamentos da economia não terem sofrido alteração, recuou.

O ápice da turbulência se deu com o boato, que saiu de Nova York, de que o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, estaria deixando o cargo. A especulação foi desmentida, mas causou tumulto.

Preocupado com as perdas que a economia possa ter, na sexta-feira o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu o primeiro passo para unificar o discurso de sua equipe. Lula pres-

tigiou o presidente do BC ao convidá-lo a abrir a apresentação dos números do país durante a primeira reunião ministerial de 2004, deixando para trás os boatos sobre demissão.

Atualmente, duas alas medem forças no governo. Uma delas, que tem à frente o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, maior defensor da manutenção da política econômica. Do outro, a velha esquerda do PT, que tem a esperança de que

Semana foi marcada por boatos de saída de Meirelles e desavenças

exista um "Plano B" para o PT recuperar compromissos de campanha e ideais que estiveram presentes na história do partido.

O primeiro episódio que gerou incertezas no mercado foi o anúncio do ministro da Casa Civil, José Dirceu, de que a autonomia do BC não constava na pauta do governo para este ano. Logo em seguida, o próprio presidente Lula disse que o assunto se tratava de uma "inquietação acadêmica". Apesar de o BC na prática já operar com autonomia, Nóbrega afirma que declarações como a de Lula acabam levantando a interpretação de que o governo quer ter o poder para mudar quanto quiser. A institucionalização da autonomia do BC poderá representar uma

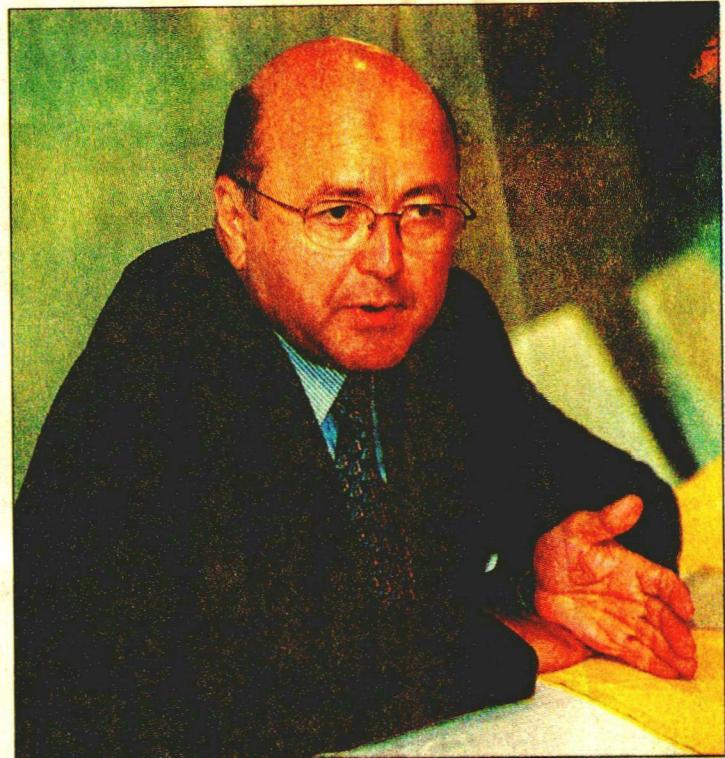
melhora no risco país.

Aliado a isso, o mercado reagiu bruscamente aos sinais de que o Federal Reserve (banco central americano) pode elevar os juros a qualquer momento e também à divulgação da ata do Comitê de Política Monetária que justificou a manutenção dos juros básicos (Selic) pelo risco de volta da inflação. Mas a influência das taxas nos Estados Unidos é minimizada.

- O aumento dos juros americanos só poderá gerar algum problema se for feito de forma brusca - afirma Nóbrega.

As críticas de representantes do governo quanto à manutenção da Selic acabaram ajudando a botar lenha na fogueira do mercado e com isso os boatos prosperaram. Isso porque existem muitos interesses em jogo, como pressionar o governo para evitar cortes no Orçamento em um ano de eleições municipais. Neste sentido, Palocci deu sinalização positiva ao mercado ao anunciar na sexta-feira o bloqueio de R\$ 6 bilhões em custeio e emendas parlamentares. Demonstração de que o governo continuará firme no controle de gastos, mantendo a política que vem sendo adotada desde o início da atual gestão.

Para Nóbrega, o BC tinha



MAÍLSON DA NÓBREGA adverte que BC não pode ser "burocrático"

condições de reduzir os juros, ao menos em 0,25 ponto percentual. Se tivesse promovido essa queda, não teria gerado tanto mal-estar.

- O BC não pode ser movido de forma burocrática - afirma, acrescentando que, tecnicamente, o Copom foi correto.

Para o professor da UFRJ Reinaldo Gonçalves, a ata do Copom, a ameaça de aumento de juros nos EUA e os boatos sobre a demissão do presidente

do BC, Henrique Meirelles, foram apenas pretexto para que investidores reestruturassem carteiras, por não terem garantias da mesma rentabilidade de 2003 no dólar e na compra de títulos públicos. No caso da Bovespa, o retorno em dólar passa de 100% em um ano.

- Esse movimento acaba gerando uma turbulência permanente na economia - afirma.

esimao@jb.com.br